



## O Ponto do Miolo

Fausto Fawcett, texto para o grupo *Miolo*

(André Alvim, Clarisse Tarran, Cláudia Hersz e Mauro Espíndola) e a mostra *Tête-a-Tête*  
Galeria do Museu da República, Rio de Janeiro, julho de 2002

Pra começo de conversa, não dá pra chegar junto desse trabalho, não dá pra chegar junto nessa apresentação-comentário sobre essa rapaziada, sem falar de duas coisas básicas e diretas: Primeiro, o ponto geográfico privilegiado que eles arrumaram pra instalar o seu atelier-aparelho-ponto de manipulação sensorial: a Praça Tiradentes.

Num trabalho que tem como convergência o orgânico vital (mesmo que cheio de mórbido humor) e as variações em torno da carcaça humana e terrestre, com toda sua carga apaixonadamente dramática e trágica, seria impossível não sublinhar a cumplicidade da paisagem humana do centro da Tiradentes, com sua vitalidade bombante. Digo isso porque toda hora vejo planos de revitalização da praça e penso: quem vai adotar toda essa turma, quem vai patrocinar essa balbúrdia, será que vão realmente incrementar essa vitalidade humana de cara pro gol?.

Meu senso copacabanense de entusiasmo caótico sente-se completamente à vontade com esse ambiente e com o trabalho do Miolo inspirado, ou no mínimo contaminado, pela movimentação humana da praça, e aí é que a gente entra no segundo aspecto relevante antes de passearmos deliciosamente pelo específico do trabalho.

O nome desse grupo de rock-plástico é Miolo (tomo a liberdade de chamá-los assim porque o rock é sinônimo de criação festiva a partir da união de uma rapaziada, de uma turma ligada, obcecada, movida por colagens urbanas de todos os tipos: musicais, eletrônicas, plásticas, literárias, criminosas etc..) O que deixa explícita toda intenção do seu trabalho atual e certamente dos seus interesses filosóficos, práticos e sensuais. Como acontece com todo grupo rockcéfalo, *Tête-a-Tête* é o ápice da interação e convergência de idéias, parcerias de observação, flertes mútuos com as obsessões uns dos outros, gerando um inevitável barato de intersecção.

O nome do grupo é demais, pois vem direto da ululante questão que não se cala, berrando ininterrupta e eterna, no fundo da nossa cachola e na superfície das nossas vidas.

Como viemos. Como somos. Como seguiremos.

Hoje em dia, mais que nunca, essa questão tá na boca do povo e dessa senhora ansiosa apelidada de Ciência, que tem como principais postulados aumentar a velocidade, o conforto e a portatibilidade da vida atual. Em resumo, aumentar a eficiência da carcaça humana através de uma gigantesca maquinária-informático-eletrônico-digital.

O problema é que tudo isso cheira a purificação de transcendência.

Traduzindo: parece que a carcaça sensacionalmente cheia de nervos, micróbios, e vísceras ambientadas atrapalha alguma perfeição de evolução humana. Só que todo mundo esquece que vivemos, sentimos, pensamos, enfim: somos esses populares macacos demiurgos, bestas humanas, animais racionais e mamíferos efêmeros, justamente porque somos totalmente orgânicos. Na verdade, a tal da transcendência não passa mesmo de - assim como o amor por um time de futebol - uma bela e infinita Paixão.

É até covardia o modo como o Miolo aborda de forma veemente e divertida esta situação de crise e catástrofe, em relação ao futuro-presente-passado do invólucro humano.

O atelier-ponto-aparelho de manipulação da rapaziada na verdade inaugura a tendência inevitável, gostosamente formidável de todos os ambientes de trabalho artístico: o de se transformarem em terreiros de sucata tecno-científica.

Afinal de contas, toda obra é uma espécie de despacho.

E neste quesito, o Miolo é o miolo.